

AYLLÓN, Virginia. *Liberalia: diez fragmentos sobre la lectura*. 1. ed. Cochabamba: Yerba Mala Cartonera, 2006.

Flavia Braga Krauss de Vilhena¹

Começamos esta resenha por cenas da vida como ela é. Ou cenas de como ela tem sido: desde quando frequentávamos o Ensino Fundamental na escola pública do Estado de São Paulo, no início da década de 90, já nos víamos interpelados por campanhas estaduais e federais de incentivo à leitura. “Quem lê viaja”, dizia um *slogan*, em algum cartaz na parede do refeitório da escola. Na sequência, cursamos o Magistério, que foi seguido pela graduação em Letras: também desses anos trazemos na memória o fato de sermos constantemente acometidos por uma avalanche de estudos e campanhas que partiam do pressuposto, do qual compartilhamos, de que ler é importante. Temos pensado que essa afirmação está tão arraigada em nossas práticas professorais e reflexões acadêmicas que, muitas vezes, nem nos colocamos questões igualmente relevantes, como: O que seria ler? Ler seria pertinente para quê e para quem? O que seria significativo ler? Ler não seria mais um ato de consumo no Capitalismo Mundial Integrado do qual fazemos parte?

São essas algumas das possíveis perguntas que nos ressoam a partir da leitura de *Liberalia: diez fragmentos sobre la lectura*, obra escrita por Virginia Ayllón.² Antes de ir para o texto em si, trataremos de apresentar, ao menos sumariamente, a autora, uma das pensadoras decoloniais mais potentes da Bolívia e tão necessária para pensarmos um feminismo transnacional, mas ainda tão desconhecida para o público brasileiro: Virginia nasceu em La Paz, no ano de 1958. Além de escritora, Virginia é bibliotecária, crítica literária e editora.

Pudemos conhecê-la, em 2010, por meio do livro que tratamos de resenhar aqui, o qual foi publicado em 2006, por Yerba Mala Cartonera. Estávamos em Cochabamba e foi amor à primeira leitura. Foi um amor desses difíceis de se encontrar, que frutificam e desembocam em um trabalho de tradução: em 2020, Alyne Gomes Gonçalves – uma acadêmica do curso de Letras da Universidade do Estado do Mato Grosso, *campus* de Tangará da Serra – deu início ao processo de tradução da obra ao português, no interior de um projeto de extensão intitulado “Leitura e Tradução Literária Cartonera”. Nesta atividade, a partir de um roteiro que tratava de contextualizar tanto a relação entre os bolivianos com a palavra escrita, quanto o trabalho desenvolvido por Yerba Mala Cartonera em tais condições de produção, cada uma das alunas envolvidas teve a oportunidade de traduzir uma obra do catálogo desta editora cartonera. O livro em sua

¹ Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo e Professora de Língua Espanhola no curso de Letras da Universidade do Estado do Mato Grosso, *campus* de Tangará da Serra. E-mail: flaviakrauss@unemat.br.

² A obra está integralmente disponível para leitura no catálogo online de Yerba Mala Cartonera em: <https://issuu.com/yerbamalacartonera/docs/liberalia>.

versão bilíngue espanhol/português foi apresentado em 2021 pela Curupira Cartonera e pela Va Cartonera,³ em uma edição conjunta.

Trazendo, agora, um pouquinho a respeito de Virginia desde seu próprio ponto de vista, escutamos a seguinte autodescrição acerca de seus interesses acadêmicos e projetos de mundo:

Yo soy escritora, pero soy bibliotecaria de profesión, esa es mi profesión. Antes yo había estudiado sociología, pero no me gustaba el trabajo que hacían los sociólogos, que era muy ajeno, era una especie de paternalismo con las poblaciones pobres que yo no comparto. Me parece importante estudiar la sociedad pero no quiero ser una paternalista, una que da soluciones, no quiero. Y quería una profesión más cercana a los libros. Luego, entré a estudiar Literatura, pero eran lecturas muy solitarias, lo que me gusta mucho, pero quería una cosa más colectiva. Entonces me dediqué a estudiar bibliotecología, que es una profesión muy pequeña aquí en Bolivia, muy menor. Los bibliotecarios ganamos muy muy poco. Pero esto no importaba porque lo que quería era estar cerca de los libros. (AYLLÓN, 2020, comunicação verbal).⁴

Tendo nos aproximado minimamente da autora, a partir de agora, contaremos de forma mais detalhada os motivos pelos quais nos sentimos interpelados por essa sua obra e temos pensado que sua leitura se faz necessária em uma contemporaneidade brasileira que procura fazer visível o jugo colonial, para começar a pensar em possibilidades de outras histórias. Como o próprio título anuncia, são dez relatos que versam a respeito da leitura. Trata-se de uma reflexão que orbita ao redor dos livros e da leitura de modo contextualizado, que nos convoca por meio de um saber situado e nos questiona com relação ao valor que conferimos ao livro como objeto de cultura e à leitura como uma prática cultural.

É uma obra composta de dez fragmentos e um pequeno prólogo, justamente intitulado “Fragmentos”, todos desestabilizadores de uma concepção já cristalizada socialmente acerca da leitura, de que seja necessário conhecer o todo para que se possa entender qualquer uma de suas partes constituintes, já que cada uma delas somente adquiriria sentido na relação com o todo. Esse prólogo inicia-se com uma crítica a certa noção de leitura totalizante com a qual lidamos cotidianamente no âmbito escolar: “La lectura no puede sino ser fragmentaria. Se lee desde la fracción que se es ese momento [...]” (AYLLÓN, 2006, p. 6). Como interpretamos, trata-se de uma negação que afirma uma condição de existência para a leitura: a leitura será fragmentada ou não será.

Em nossa leitura, existe uma apologia à leitura fragmentária que parte do pres-

³ É possível ler a obra traduzida no catálogo online da Curupira Cartonera, em: <https://issuu.com/curupiracartonera>.

⁴ Todos os excertos referidos como comunicação verbal são transcrição da comunicação feita em 12 de novembro de 2020, durante a participação da autora em uma tertúlia literária (online) na qual lemos coletivamente a obra aqui resenhada – arquivo pessoal.

suposto segundo o qual o sujeito também é fragmentado. Tendo feito essa afirmação, a autora narra dez cenas de leitura em liberdade – todas muito distintas entre si. Exemplificamos: na primeira cena (AYLLÓN, 2006, p. 7), intitulada “No tenía libros”, há a descrição de uma escola indígena que não possuía biblioteca. Os pais e os alunos dessa escola caçoavam dos professores que somente ensinavam a “leer y escribir” (AYLLÓN, 2006, p. 7). A essa cena de uma escola que não endeusa a leitura e a escrita como único objetivo a ser alcançado no processo educativo, justapõe-se um episódio no qual narra o velório de Griselidis Real – prostituta, escritora suíça e militante pelo reconhecimento da prostituição como profissão – no qual se realizou uma festa cigana, como era seu desejo. Nessa festa, foi possível ouvir um poema de Adela Zamudio, uma grande poeta boliviana, musicado e acompanhado por uma quena. A autora afirma-nos que Griselidis havia conhecido e admirado a poeta boliviana e, ainda, hipotetiza que a poeta, caso conhecesse Griselidis, também a teria admirado (AYLLÓN, 2006, p. 14).

Como se pode interpretar, é uma teoria acerca da leitura e da escrita que advoga que os saberes escolares não nos serão muito úteis, caso não venham de mãos dadas com outros saberes, sempre situados, embasando uma sólida leitura e escritura de mundo; partindo do pressuposto de que a escrita poética e música se confundem, se fundem e se mesclam com vida e morte, animando – dando *ánima*, espírito, movimento – a ambas.

Com o objetivo de explorar os sentidos possíveis para uma apologia à leitura como liberdade, trazemos a explicação da autora a respeito do título do livro. Em um primeiro momento, Virginia relembra que o livro chega pela mão dos colonizadores como um objeto mais de dominação que de liberação dos povos:

Seguramente ustedes que son lectoras [...] en algún momento han reflexionado sobre lo que significa el libro. En los países (como el nuestro) que han sido colonizados, el libro también ha sido un elemento de dominación. No se permitía leer a los esclavos. No se permitía leer a los indígenas, no se permitía leer a las mujeres, era un objeto destinado solamente a los miembros de la iglesia, a los varones (en la época de colonización) y todo esto significa que leer era un acto de desobediencia. (AYLLÓN, 2020, comunicação verbal).

Entretanto, estabelecendo oposição a essa significação disfórica, com sentidos relacionados ao de colonização e dominação, a autora vai à etimologia da palavra livro (*liber*) para relacioná-la à natureza íntima do ser e à *Liberalia* – uma festa romana na qual celebravam ao deus Baco – considerada uma festa de liberação:

Y, por otra parte, la etimología de la palabra libro es hermosa. Por un lado tiene que ver con el ‘liber’ que es la corteza del árbol, la corteza más interior del árbol. Es decir, cuando uno ve un árbol cortado al final final de todo, su tallo, hay una parte muy íntima del libro y eso se llama liber. Entonces el libro tiene una relación muy directa con la naturaleza, con lo íntimo, y, además, por eso precisamente, porque

la lectura es un acto de felicidad, de desobediencia, me gustó mucho esa fiesta romana que se celebraban al dios Baco, al dios del vino, al dios de la alegría, donde lo más importante era que los esclavos también podrían ser felices, era un día donde la felicidad reinaba y, entonces, de ahí, viene la palabra “Liberalia”, y me gustó mucho poner este título al libro porque lo que está dentro del libro son pequeñas escenas de libertad de la lectura. A veces, como les dije antes, creemos que solamente las personas que tienen dinero leen, o las que han sido educadas en la escuela y hay muchas formas de lectura ¿no? (AYLLÓN, 2020, comunicación verbal).

Após explicitar a leitura que lhe agrada e que a impulsiona como bibliotecária e intelectual feminista e decolonial, a autora coloca que, muitas vezes, mesmo no interior da escola podemos mais afastar as pessoas do objeto livro que as aproximar. Por isso, decidiu relatar cenas de liberdade de leitura, como um elogio à pluralidade de caminhos que não importam a ninguém, por serem do âmbito da intimidade:

A veces también la escuela, la misma biblioteca, el mercado del libro, las editoriales, más que acercar las personas al libro, las alejan. Entonces estas escenas/crónicas que yo he reunido muestran más bien como las diferentes personas encuentran su camino hacia el libro ¿no? Y son caminos que no le importan a nadie. Y esto está bien, porque la lectura es un acto muy íntimo. (AYLLÓN, 2020, comunicación verbal).

Como podemos suspeitar já pela leitura da explicação do título da obra dada pela autora, este livro é um elogio à leitura que questiona as práticas que temos levado adiante a partir do objeto livro. Assim, é um elogio, mas também uma crítica à leitura tal como também, muitas vezes, se concebe do lado de cá da fronteira que nos une, mas também nos separa da Bolívia. Como exemplo, trazemos o décimo fragmento do livro, intitulado “Terrorismo Poético”:

En una pared:
Tenemos derecho a no leer
La estatua de Don Miguel de Cervantes y Saavedra:
Tenemos derecho a no leerte
La puerta del instituto de enseñanza de la lengua germana:
mira qué daño puede hacer esta lengua
Otra pared:
No lea, baile (AYLLÓN, 2006, p. 17)

Ao ser um elogio, mas também uma crítica à cultura letrada, como já havíamos adiantado, lança-nos algumas perguntas desestabilizadoras, como no quinto fragmento, “Bibliotecas Públicas El Alto”, no qual narra a gesta libertária de outubro de 2003 na cidade de El Alto. Uma observação feita pela autora em seu texto é que a cidade não possui nenhuma biblioteca pública, mas que, justamente um pouco antes da revolta popular, muitos eminentes intelectuais abriram as portas de suas bibliotecas particulares

para a população. A partir dessa descrição feita sobre os fatos, a autora lança a provocante pergunta: “Quién sabe si las bibliotecas tuvieron que ver con la gesta libertaria andina. O, quién sabe, la valiente insurrección popular tuvo que ver, precisamente, con la ausencia de bibliotecas” (AYLLÓN, 2006, p. 11).

Ao colocar em xeque o papel das bibliotecas, Virginia sabe que ler, em terras colonizadas, também pode ser uma forma de opressão que, muitas vezes, nos envereda por caminhos abstratos, que não nos permitem ler a própria realidade e, não raramente, nos afasta dela. Nessa obra, a autora milita a favor de uma resistência a essa opressão que nos dita o único caminho a ser seguido:

Deberemos resistir las torturas de la Santa Inquisición Letrada: nos harán tragar libros, nos entregarán lingotes de oro para que compremos compulsivamente en sus librerías, nos volverán maestros para enseñar a leer, nos nombrarán miembros de la cámara del libro, seremos jurados de concursos literarios. (AYLLÓN, 2006, p.17)

Entretanto, essa resistência seria um rechaço aos modos pelos quais a leitura nos tem sido imposta, para que possamos recuperar a leitura como um ato de prazer, de alegria, de encontro consigo, com o livro, com o outro por meio das páginas do livro:

Pero cuando regresemos del combate, hermanos, celebraremos nuestra amada Liberalia y cantaremos, reiremos, comeremos, y, sobretudo, hablaremos. Retornaremos del amado estado de la palabra alada, de la que es dicha para el viento, de la que no quiere instaurar nada. (AYLLÓN, 2006, p.18)

Como proposto pela autora, temos um combate a ser travado: o combate contra as regras que nos dizem como, quando e a quem devemos ler. Após vencermos o combate, estaremos de posse de uma pluralidade de caminhos, todos iguais de valorosos, e teremos direito de gozar da *Liberalia*, um estado de corpo e espírito do qual esse livro seria apenas o prenúncio. Assim, poderemos festejar a alegria de estarmos vivos, cada vez mais vivos pela leitura, que nos impulsiona a sabermos um pouquinho mais de nós, e da nossa condição de país latino-americano que ainda hoje busca se descolonizar. Que as palavras escritas nesta resenha também tenham asas e possam chegar a ouvidos férteis para o plantio.

Referências

AYLLÓN, Virginia. *Liberalia*: diez fragmentos sobre la lectura. 1. ed. Cochabamba: Yerba Mala Cartonera, 2006. Disponível em: <https://issuu.com/yerbamalacartonera/docs/liberalia>. Acesso em: 01 jul. 2020.

AYLLÓN, Virginia. Comunicação verbal. In: VILHENA, Flavia Braga Krauss de. Ayni literário com Virginia Ayllón – 05 out. 2020. *Youtube*, 29 jul. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/ZKzNMvPDdII>. Acesso em: 30 jul. 2021.

